



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

# Avançando!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

## Aos pequenos produtores de trigo Aos desempregados, e esfomeados A todos os trabalhadores consumidores de pão

CAMARADAS:

O governo da ditadura salazariana, de acôrdo com os grandes moageiros e lavradores, acaba de publicar mais um decreto de esfo-  
meamento do povo português, em benefício dos grandes potentados da finança, da indústria e da agricultura.

O país não produzia o trigo necessário para o consumo. Há anos que se vem realizando uma grande campanha para aumentar a cultura do trigo. Mais de 100.000 pequenos produtores foram assim levados á cultura do trigo. Contrataram empréstimos, hipotecaram as suas casas, as suas terras, para correr ao chamamento «patriótico» do governo e confiados nas «garantias» que lhe lhes oferecia.

Agora, porquê há abundância de trigo, porque o trigo se acumula nos celeiros, sem comprador, o governo salazarista esfarrapa as «garantias» que tinha oferecido a estes 100.000 pequenos produtores e baixa o preço do trigo, atraindo-os para a ruína.

Obrando assim, a ditadura salazariana procede como autêntico vigarista. Os pequenos produtores de trigo acabam de cair num verdadeiro «conto de vigário», são vítimas do roubo mais descarado! As suas terras, as suas casas ficarão cada vez mais comprometidas nas mãos do capital usurário; as execuções fiscais multiplicar-se-ão, a ruína da pequena propriedade agrícola será um facto consumado!

Em proveito de quem se realiza este roubo?

Em proveito dos consumidores de pão?

**Não. Os consumidores de pão também são roubados.** O tipo único de pão, de 2500 desapparece. Em sua substituição são estabelecidos três tipos de pão: 2540, 1590 e 1560. Isto significa que nos tipos de 1590 e de 1560 se vai lançar todo o trigo apodrecido que enche os celeiros; que quem quiser comer pão, e não porcaria, deixa de o pagar a 2500, para ter de o pagar a 2540!

Assim, na realidade, o novo regime corcalfífero, rouba o pequeno produtor e o consumidor em geral.

A quem aproveita este roubo duplo?

**A moagem e panificação e aos grandes lavradores!**

O decreto recentemente publicado sobre trigos, farinha e pão é a sanção legal á mais odiosa rapinagem das massas laboriosas do campo e da cidade,

em proveito dos magnates da terra, da moagem e da panificação!

A moagem e a panificação, verão dobrar, triplicar, os seus já fabulosos lucros, não só com toda a casta de manigâncias que lhe permitem os três tipos de pão — como o demonstra a experiencia do passado — como com a redução do preço do trigo e elevação do pão «digerível».

Os grandes lavradores, em muito melhores condições para fazer face á redução do preço do trigo as condições da grande produção permitem-lhe fazer lucros com a própria redução — **ficão os seus em campo, pelo aniquilamento de toda a pequena produção**

Para a moagem e panificação, o dobro, o triplo dos lucros. Para os grandes lavradores, o monopólio da produção.

Para os pequenos produtores, a ruína. Para os assalariados agrícolas, a redução de salários. Para os consumidores... porcaria em vez de pão... ou pão a 2540 o quilo.

Eis a estância da nova lei salazarista

**Explorados de Portugal!**

**Pequenos produtores de trigo:**

O Estado salazarista vigarizou-vos e rouba vos. O vosso sacrificio não aproveita aos consumidores de pão. Aproveita apenas aos grandes lavradores e á panificação e moagem. A vossa ruína é eminente. Organiza, desde já a resistencia contra a rapina em projecto. Constitui em todas as vilas, aldeias, montes e lugares, os vossos comités de luta, á base desta palavra de ordem:

**Nem um centavo a menos, no preço do trigo!**

**Assalariados agrícolas:**

Á base da redução do preço do trigo, os grandes lavradores vão tentar reduzir-vos os salários, pio-

continua na 6.ª pagina

## A luta contra a guerra

O 1.º de Agosto deste ano, como jornada internacional contra a guerra e o fascismo, veio encontrar entre as massas trabalhadoras um maior acolhimento, devido em grande parte aos preparativos intensos dos governos capitalistas para a nova guerra, e ao seu fim abertamente imperialista servidora da mais negra reacção fascista.

Na vanguarda dos países capitalistas que preparam a guerra, figuram «brilantemente» os países sob o jugo feroz do fascismo. Os grandes preparadores da nova guerra e seus acérrimos defensores são os governos fascistas da Alemanha, da Itália, do Japão, etc. Isto é, aqueles países sob os quais se accentua em todo o seu peso a ditadura do grande capital, sob a forma fascista, e cujos governos são abertamente manejados pelos grandes fabricantes de material de guerra, para quem a guerra é um ótimo negócio. Por isso nos apparece a jornada do 1.º de Agosto, como uma jornada de luta contra a guerra e o fascismo, visto este estar intimamente ligado áquella

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas são hoje para o fascismo sanguinário dos Hitlers, Mussolines, & C.º o maior baluarte do revolucionarismo proletário em

todos os países, e o maior inimigo do sistema capitalista, de que eles são os mais acérrimos defensores.

As massas trabalhadoras veem na URSS o único caminho para a saída da crise que as esmaga e domina. O caminho de Outubro apparece-lhes já como o único caminho a seguir para a sua emancipação de classe explorada. Ao chauvinismo reaccionário de um Hitler ou de um Salazar contra-põem já hoje o internacionalismo proletário. A jornada do 1.º de Agosto contra a guerra e o fascismo por todo o mundo encontrou o mais largo acolhimento. Mesmo nos países onde a maior tirania impera sobre as massas, e onde toda e qualquer manifestação que não seja de iniciativa dos governos, é reprimida forzosamente, se lutou contra a guerra e o fascismo. Em Portugal sob a ditadura «pater-nal» de Salazar, onde toda e qualquer manifestação que não seja ensaiada pelo tubarão do S.P.N., é reprimida á bala e com a prisão prolongada nas infames prisões do Estado Novo, os nossos camaradas manifestaram-se contra a guerra e o fascismo. Assim em Lisboa organizou-se uma manifestação

Continua na 6.ª pagina

## AS «NOSSAS», COLÓNIAS

Vai grande celeuma no arraial dos «patrioteiros» e do governo Carmona-Salazar, devido a uma possível partilha dos países coloniais sob o domínio do imperialismo português.

Até hoje os colonias portuguesas tem servido sobretudo aos interesses do imperialismo inglês, que nelas se expande livremente. Daí provêm os tratados de «amizade» entre os governos de Portugal e Inglaterra. Essa «aliança secular» que tanto jubilo causa aos patrioteiros portugueses, é um tratado de divisão entre os governos dos dois países para a exploração dos povos coloniais.

Perante o agravamento das relações internacionais, e a politica imperialista dos grandes países fascistas, a Inglaterra encontra-se já decidida a compensar esses desejos do imperialismo italiano e alemão, por uma partilha dos países coloniais, sob a tutela portuguesa e a exploração inglesa, isto, para evitar uma nova guerra, donde o seu imperialismo saísse muito abalado, pela emancipação de alguns povos coloniais, como por exemplo a África do Sul, a Austrália, a Índia, etc.

A nossa posição perante uma nova partilha dos territórios africanos pelo imperialismo europeu, é a posição de todo o leninista: lutar contra o imperialismo capitalista e pela libertação dos países coloniais, e reconhecimento a esses povos do direito de se governarem a si próprios. Nós somos contra todos os imperialismos, quer eles sejam portugueses ou ingleses, alemães ou italianos. Nós queremos a libertação dos povos coloniais infamemente explorados pelo capitalismo, queremos a sua autonomia, o direito de se governarem a si próprios. Porisso quando ouvimos a «berberia patrioteira» dos «bons» salazaristas, ante a partilha possível das «nossas» colónias, vemos por uma forma bem manifesta toda a politica de exploração que caracteriza a sociedade capitalista.

A politica chauvinista dos defensores da ditadura salazarista, que vêem nas colónias sob o jugo do imperialismo português um campo de exploração capitalista, oporemos nós, a nossa politica de leninistas, lutando pela libertação dos povos explorados e oprimidos pelo capitalismo português.

**Pela libertação dos povos coloniais!**

**Contra os imperialismos opressores!**

**CONTRA A GUERRA  
CONTRA O FASCISMO!**

# Construindo o Partido

## A luta pelas reivindicações parciais

A nossa luta pelas reivindicações parciais não tem tido a devida generalização. Esta deficiência do nosso trabalho é devida em grande parte a uma tendência que se manifesta entre muitos dos nossos camaradas em subestimarem o trabalho revolucionário do nosso Partido dentro das fábricas e oficinas, sob a forma de lutas parciais por reivindicações concretas e limitadas.

Nós vemos muitas vezes o nosso Partido alheado dessas pequenas lutas, ou actuando dum forma deficiente, devido à pouca importância que muitos dos nossos camaradas ligam a essas pequenas lutas por reivindicações imediatas dentro das fábricas e oficinas. No entanto, dentro do fascismo, e da política terrorista do «Estado-Novo», as pequenas lutas parciais são dum importância fundamental. São elas que não de temperar as massas para as lutas pelas reivindicações gerais e para o rompimento da legalidade fascista. Tentar lançar as massas em lutas gerais sem conceder às pequenas lutas parciais a atenção devida e fazer mau trabalho por isso é dum importância no nosso trabalho revolucionário a luta pelas pequenas lutas de reivindicações parciais, e nos deve merecer um estudo atento, tudo o que nos possa levar a essas lutas parciais.

A todo o momento estão surgindo dentro das fábricas e empresas pequenos incidentes entre o operariado e o patronato, quer por questões de salários, quer por outros motivos. Muitas vezes um despedimento injusto, um castigo imerecido, uma patifaria dum encarregado, etc., podem, quando bem conduzidos levar o operariado dum empresa ou oficina a manifestar-se contra esse despedimento ou castigo. Se o movimento foi bem conduzido, é arrastou para ele a grande parte do operariado da oficina ou secção de empresa, e que, portanto, a sua finalidade foi satisfatória, o nosso Partido adquiriu por esse facto uma influência dentro da oficina ou fábrica, através dos seus militantes que no movimento se puzeram na vanguarda, que o poderá levar a iniciar um movimento para uma reivindicação mais geral com probabilidades de êxito.

Devido ao terrorismo fascista as massas não se sentem devidamente solidárias e fraquejam no esboçarem certos movimentos de protesto por falta de homogeneidade nas suas fileiras. Essa coesão só se consegue depois de toda uma série de lutas parciais pelas quais as massas se vão aglomerando em volta do nosso Partido como maior baluarte do revolucionarismo proletário. Essa homogeneidade só é possível de realizar quando as massas se sentem fortes na luta cotidiana pelas suas reivindicações parciais. Por isso é que as pequenas lutas dentro das oficinas devem merecer aos nossos militantes uma grande atenção, visto serem elas o ponto de partida para as grandes

Continua na 6.ª página

## Perguntas e Respostas

Um camarada de uma célula de empresa põe a seguinte questão:

«Somos 5 camaradas, na célula. Temos muita vontade de trabalhar, mas os nossos conhecimentos políticos são muito poucos. Não há literatura, em português; o Partido não forma cursos de militantes... Às vezes não sabemos o que devemos de fazer, além da difusão de literatura... Como sair deste «gachis»? Julgo que é absolutamente indispensável criar cursos de militantes. Que dizem os camaradas?»

Éis uma questão interessante e que não é única; muitos camaradas a formulam a si próprios.

Não há literatura, nem cursos de militantes. Em geral, o nível político de todos os nossos camaradas é baixo. O Partido tem o que realizar um esforço tenaz para vencer estas deficiências.

Mas isto não quer dizer que estejamos metidos num «gachis» de que não é possível sair, sem o Partido publicar literatura abundante e organizar numerosos cursos de militantes. A nossa educação revolucionária não pode ser uma educação escolástica. Tem de ser uma educação baseada, sobretudo, na acção. O camarada que espera encontrar, apenas nos livros ou nos cursos, a educação revolucionária de que carece, engana-se: A formação dos militantes bolchevistas tira dos livros e dos cursos, apenas o complemento indispensável à acção.

A célula a que pertence o camarada que nos escreve, existe numa fábrica que tem 160 operários. Limita-se, quasi, à difusão de literatura.

Ora bem. Sem cursos e sem mais literatura há ali muito que fazer e que os nossos camaradas PODEM fazer.

Exemplifiquemos: São cinco os camaradas. Vamos, em primeiro lugar, dar QUE FAZER a cada um:

Podemos fazer, desde já, esta distribuição:

Um dirigente político.

Um dirigente da organização partidária.

Um encarregado de organizar a secção sindical da empresa.

Um encarregado de organizar o grupo do SVI.

Um encarregado de organizar o Comité anti-fascista.

O gelo começa a quebrar-se. Todo um mundo de trabalho se abre perante os camaradas.

Mas, como abordar cada uma destas tarefas, se os camaradas desconhecem como o não de fazer?

Muito simplesmente. O sector político, de organização sindical, anti-fascista, SVI, têm os seus próprios comunistas dirigentes, esboçados nessas tarefas. Cada um dos camaradas será posto em contacto com o respectivo centro dirigente e receberá instruções que lhe permitam COMEÇAR. Pouco a pouco irá compreendendo, praticamente o seu papel; entrará em contacto ORGANIZADO com operários sem partido, começará a viver melhor a vida de fábrica, as pequenas questões internas da fábrica, a luz do sector especial que lhe foi confiado...

Nas reuniões da célula, formará a experiência adquirida, melhor o caminho andado e o que é preciso percorrer ainda.

Então os camaradas verificarão que, sem grande abundância de literatura, e sem cursos de militantes, conseguirão sair do «gachis» em questão. Cada reunião da célula, dados os assuntos de ordem prática que cada camarada tem a seu cargo, será uma reunião cheia de vida, de conteúdo real de trabalho. Nunca mais sucede aos camaradas «não saberem o que fazer»; cada reunião da célula será já, de certo modo, naturalmente, um pequeno curso de militantes.

E' possível isto?

Claro que é. E' POSSIVEL e NECESSARIO.

Experimentem os camaradas e verão que temos razão; verão que até o número de membros da célula começa a aumentar...

## Os comunistas e o movimento sindical

Em geral, na provincia, sobretudo, nota-se a tendência a considerar que «a organização do Partido é uma coisa fácil» mas, «organizar os sindicatos, é coisa mais difícil».

«Então, Évora, Mina de São Domingos, Beja e tantas outras localidades, podem citar-se como pontos atacados por esta «enormidade»?

Que significa isto na realidade?

Significa que os camaradas conhecem mal, o papel do Partido. «Vejamos! se tomarmos o Partido como uma seita ideológica, como um «grupo de afinidades» tipo anarquista, como um «capítulo só para «iluminados», não há dúvida alguma de que a organização do Partido é extremamente fácil e, face a isto, organizar os sindicatos revolucionários é qualquer coisa de altamente difícil.

Simplemente... o Partido Comunista não é «isto». O Partido Comunista é «a vanguarda da classe operária, e não só a vanguarda; ao mesmo tempo, uma parte da classe, parte inteiramente ligada a esta última... Para dirigir a classe é preciso que ele (o Partido) esteja ligado com os sem partido, que estes seitem a sua direcção, que ele exerce entre estes uma autoridade moral e política incontestável.

(Staline «Questões do leninismo») O partido é a forma SUPERIOR de organização do proletariado, o que quer dizer que não é a única forma—há uma enorme série de organizações de sem partido (sindicatos, cooperativas, comités de fábrica, etc.) são indispensáveis à classe operária para a sua luta com a burguesia. Ora, a função fundamental do Partido é dar uma direcção única revolucionária a todo este movimento de massas. «Como fazer? Por decretos? Claro que não. É preciso, para isso, que os comunistas sejam os melhores militantes destas organizações, que, por isso, nelas usufruem de grande influência.

Se temos esta concepção do Partido, não podemos, de modo nenhum concluir que «isso de organizar os sindicatos é coisa difícil e indispensável».

«Se os partidos desejam tornarem-se realmente uma força massiva capaz de accionar a revolução, devem ligar-se estreitamente aos sindicatos e apoiar-se neles», diz-nos Staline, o melhor discípulo de Lenine.

Com quem pois, os camaradas em questão, elevam o Partido à sua verdadeira posição, em localidades essencialmente industriais, como algumas das acima citadas, sem abordar, decididamente, a tarefa de organização sindical?

Se o trabalho sindical fôsse mais difícil que o trabalho político, nem mesmo assim, isso justificava que o não realizássemos. Mas não é assim. É mais fácil organizar os operários nos sindicatos do que no Partido. Em Lisboa, por exemplo, os efectivos dos sindicatos revolucionários são mais de dez vezes superiores aos do Partido. Que quer isto dizer? Quer dizer precisamente

## Tribuna feminina

### Mulheres proletárias de Portugal! Minhas camaradas e irmãs!

Esta tribuna é criada para vós. Servira para vos encorajar, para vos incitar à luta, para vos dar fé e fortalecer o ideal.

Tanto como as nossas ideias as nossas convicções nos aproximamos.

As ideias unem-nos mais do que a decantada voz-do-sangue. O Comité Feminino do Partido estende-vos as mãos, para que dentro dum forte cadeia se mantenha a nossa estreita união e o acordo mais completo para o fim que temos a atingir.

Quem vos chamou até hoje à luta? Ninguém.

Quem nivelou os direitos da mulher, que, desde o principio do mundo, foi considerada um ser

inferior? Ninguém.

Quem vos quer elevar ao nível do homem e vos reconhece vigor, intelligencia, vontade, todos os factores criadores da vida construtiva de que a humanidade, escravizada, precisa para atingir as suas aspirações mais justas?

O Comunismo.

É o comunismo, porque os outros pizaram-nos, escravizaram-nos sempre.

Quando o vosso entendimento se queria abrir para a luz da razão e do direito amachucavam-no, fazendo-vos sentir que éreis seres inferiores e servís. Nunca vos educa-

(Continua na 5.ª página)



## CONTRASTES... Da Sociedade Capitalista

Um magazine americano, depois de haver consultado estatísticas de cinquenta países, publica as conclusões seguintes:

Em 1934, 2.400.000 indivíduos morreram de fome, e 1.200.000, suicidaram-se, devido à falta de alimentos para si e para os seus. Por outro lado, a crise económica e a baixa dos preços, provocaram a destruição de UM MILHAO de vagões de trigo, de 267.000 vagões de café, 258 milhões de quilos de açúcar, 25 milhões de quilos de arrós e 25 milhões de quilos de carne.

Se no cérebro de alguns trabalhadores se resta alguma dúvida sobre o que é o capitalismo e a sua organização social, esta estatística será mais do que suficiente para os elucidar cabalmente.

Enquanto parte da classe explorada, morre de fome por não ter onde ganhar o pão de cada dia, por outro lado a classe exploradora destrói milhões de vagões de trigo.

Enquanto um operário, sem trabalho, morre por não ter um pão com que matar a fome, nos fornos dos grandes produtores os vagões de trigo são transformados em cinzas ou dados ao gado como ração. Bandos de crianças percorrem as ruas pedindo para comerem, enquanto são lançados ao mar, pelos grandes capitalistas, milhares de quilos de carne e de outros géneros de primeira necessidade.

Se há crise de super-produção, porque morrem de fome milhões de seres humanos?

Simplemente porque é preciso salvaguardar os interesses dos grandes capitalistas. É preciso que a carne se venda cara para que os grandes latifundiários ganhem bastante, portanto vá de lançar ao mar milhões de quilos de carne.

Um só país no mundo desconhece a crise e as monstruosidades que acabamos de relatar. Esse país é a União das Repúblicas Soviéticas, onde o capitalismo foi derrotado para sempre, pela Revolução de Outubro. Ali, não existem interesses de classe, não há barreiras entre os exploradores e os explorados, porque não existem exploradores nem explorados. Não se queima trigo nem se morre de fome. Os trabalhadores trabalham para o enriquecimento da classe a que pertencem: o proletariado.

te que o recrutamento para os Sindicatos é muito mais fácil de que para o Partido.

Na realidade esta tendência significa uma má interpretação do papel do Partido e reflete a insuficiência com que temos abordado a tarefa da condução das lutas económicas.

A organização comunista que não sabe criar à sua volta toda uma série de organizações de massas sem partido, reduz-se, ela própria, à impotência; não será capaz de dirigir efectivamente a classe; não será a vanguarda da classe operária, a «forma superior de organização do proletariado»; está muito longe ainda do desempenho do seu papel de «Estado Maior da Revolução».

E os Sindicatos, nas localidades industriais, são a forma mais importante de organização de massas, dos operários sem partido...

# A URSS EM CONSTRUÇÃO

Os sindicatos de Moscovo abriram durante o inverno passado vinte e uma casas de repouso por onde passaram em curas de repouso 60.000 trabalhadores. Além disso, 40.000 trabalhadores puderam aproveitar as casas de repouso de «fim de semana».

Um grupo de jovens engenheiros do Instituto da Aviação Civil de Leninegrado, elaborou o projecto dum avião anfíbio ASK de dois flutuadores e construiu este aparelho. É todo feito com materiais soviéticos e destinado ao serviço de passageiros. Pode descer sobre a terra, sobre o mar, e sobre o gelo e a neve.

O maior Stadium de Moscovo é o Stadium «DINAMO» construído em 1928. Ali se realizam os grandes desafios de foot-ball e a primeira Olimpíada da União Soviética. O Stadium tem 30.000 lugares, mas nos dias de grandes desafios, quando as passagens e a pista destinada às corridas de motocicletas estão ocupadas pelo público, pode conter 60.000 espectadores. Mas sendo ainda insuficiente este Stadium para a grande quantidade de espectadores aos desafios de sensação, o mesmo está sofrendo grandes melhoramentos que lhe permitirão de futuro receber 80.000 espectadores.

Há pouco tempo duzentos operários da fábrica de borracha

«KRASNY BOGATYR» organizaram uma excursão para verificar o funcionamento dos tribunais populares da capital. Os grupos operários assistiram a várias audiências dos tribunais e aos julgamentos pronunciados, e puderam assim verificar a ordem e a rapidez do exame dos processos, e a justiça dos julgamentos.

A Federação dos Escritores Soviéticos organizou o ano passado um curso para os jovens escritores. Este curso foi frequentado por 60 jovens escritores, entre os quais se contavam dez soldados do Exército Vermelho.

Terminado o período de estudo, as crianças da União Soviética partem em excursões de férias através do país. No ano passado 1.300 dos melhores alunos das escolas de Moscovo partiram em digressão pelo canal do Mar Báltico, Mar Branco, ao Cáucaso à Criméa e sobre o Volga.

Em Julho 72.000 alunos das escolas partiram para os campos de repouso, a passarem as férias. 160 partiram para as estâncias termais da Criméa.

Na construção do caminho de ferro subterrâneo de Moscovo trabalharam em Julho do ano passado 60.000 trabalhadores, dos quais 57.000 eram operários e 3.000 engenheiros e especialistas.

## Em Peniche

### Política salazarista em acção

N.ª fábrica Fialho de que é gerente um tal sr. Madeira, grata do sr. N. e presidente da Câmara Municipal de Concelho, tem-se cometido dos maiores abusos e explorações contra o operariado conserveiro.

Este ilustre defensor do «Estado Novo» durante o período de «defesos» tirou os 22550 que dava os operários, e teve a fábrica fechada do 31 de Maio, data em que terminou o «defeso», até 7 de Julho. Durante todo este período os operários tiveram apenas um dia de trabalho. Como a miséria fôsse muita os operários da fábrica foram ao escritório e pediram o bono de tres dias de trabalho no valor de 22550. Começaram então a trabalhar no dia 7 de Julho, mas impossibilitados de ganharem as semanas por inteiro visto que a fábrica só aceita pessoal quando mete peixe.

O mais interessante é que esta fábrica que durante tres anos se não utilizou do apito, mesmo nos dias em que metia muito peixe e em que era preciso fazer serão, agora passou a usar apito para saudar os «maiorais» do Estado Novo, como fez no p.ºss do dia 8 de Julho, quando a esta terra veio o Governador Civil do distrito de Leiria...

O tal sr. Madeira teve o d.ºscamento de mandar tocar o apito durante 15 minutos, saudando em no-

me dos operários da fábrica a chegada do Governador Civil.

É interessante que seja um dos maiores esbirros do operariado, aquele que em seu nome se permitiu saudar a um autoridade salazarista, com quem eles nada querem, nem reconhecem como autoridade. Para que o «corlejo» de recepção ao G.C. fosse mais concorrido, os armadores proibiram os seus pescadores de irem ao mar. É por estes processos que os nossos inimigos de classe procuram aliciar elementos para as suas manifestações burguesas, não vendo que tornam assim maior o nosso ódio a essa classe de parasitas exploradores do nosso trabalho honrado.

São homens como o sr. Madeira, os grandes defensores do «Est do Novo». Quando os operários cheios de fome lhe pediam trabalho, o sr. Madeira, como gerente duma das maiores fábricas, dizia lhes que procurassem trabalho noutro local, porque não sabia quando a fábrica abria.

São estes algozes da classe operária os homens que dentro do salazarismo se apresentam como seus defensores. Os Madeiras, Montezes, e Teotónios, são os nossos maiores inimigos, aqueles que nos procuram a trabalhar pelas costas, por temerem de o fazer pela frente.

## "DEFENDAMOS OS NOSSOS HÓSPEDES,"

«Este era o título de um artigo que trazia o «Diário de Notícias» no dia 1 de Agosto, onde depois de nos descrever o encanto sentido pelos turistas que visitam o nosso porto e a sua admiração pelas belezas, se constata o seguinte: «Mas há uma coisa que não está certo, e serem abordados (os turistas, por floristas desgraciaosas e por impotentes vendihões e por mendigos que lhes pedem esmola.»

Ora... é claro que não está certo. Sucederem coisas destas num país como Portugal, onde a miséria não existe, onde não há desempregados, onde o pulso de «ferro» do Salazar conseguiu debelar a crise por completo, não está certo que tal facto se dê.

Os turistas são abordados por floristas desgraciaosas?

E eles não compram as flores por esse motivo?

Então que pretendem eles comprar as flores ou as floristas?

Julgamos que os turistas não queiram comprar uma florista mas sim as flores que ela vende. Estas sim, é que precisam de ser bonitas e graciosas.

Segundo o modo de ver do escriba do Notícias só pode governar a vida quem for gracioso. E os que não são? Terão de morrer de fome?

Sabeis porque os mendigos pedem esmola?

E porque não têm trabalho. Não comem a mesa do orçamento ou das moageiros como vós.

Tendes vergonha de os ver pedir esmola?

Deem-lhes aquilo que de direito lhes pertence: pão, trabalho e direito a vida. Só assim deixareis de os ver pedir esmola.

Tendes vergonha destas coisas, e não tendes vergonha que os turistas uma di.ª passem pelo Bairro das Minh'cas ou pelo Bairro das Listas, onde os operários vivem em imundas barracas, onde faltam as mais elementares condições de higiene?

Os garotos que pedem esmola e que tanto ofenderam a vossa sensibilidade de estetas, são filhos de operários sem trabalho, e alguns deles tem os pais nas masmorras, para onde esse Salazar, «pulso de ferro, e homem de finanças», (troubadas aos trabalhadores, acrescentamos nós), os desterrou.

Esses que vós chamais «matulões», são os desempregados que não estando na União Nacional e na Polícia de Informações, não conseguiram colocação nos postos do Com.ºssariado do Desemprego, e que não tendo de comer se veem na necessidade de pedir esmola para si e para os seus.

Mas não tendes vergonha de servir os exploradores da classe trabalhadora, e de não colaborar com o proletariado revolucionário pela emancipação de todos os trabalhadores?

Vergonha teríamos nós se nos acobardássemos perante o terrorismo de um Salazar e nos deixássemos arrastar pela sua política demagógica.

Vergonha teríamos nós se não lutássemos denodadamente contra a classe que nos explora e rouba, e se não lutássemos pela emancipação dos nossos irmãos de classe.

# Os chefes anarquistas e a luta anti-fascista

«O Libertário», órgão da «F.A.R.P.» no seu último número, em editorial, dá-nos uma «definição» da posição do movimento anarquista, «oficial», em relação ao fascismo e à luta anti-fascista.

E devesa curiosa esta «definição». Diz o orçãõ acrata: «O fascismo não é, parã os anarquistas, um caso novo; para combatê-lo não carecemos agora de arranjar os meios e determinar as formas. Atravez tãda a história há um traço contínuo de sangue em que o fascismo continua; a humanidade sentiu noutras épocas a dôr da opressão, como hoje».

E continua: «Esse monstro que avassala o mundo (o fascismo) é a reacção do sistema capitalista estatal (onde está o sistema capitalista «não-estatal») chegado ao período agónico em que a sociedade se descompõe, deixando a forma burguesa para dirigir-se para o comunismo libertário».

Tal é «definição» que os chefes anarquistas portugueses fazem do fascismo.

Naturalmente é preciso que os operários anarquistas tenham uma grande dose de boa vontade, para compreender ou julgar suficiente tal «definição». Têm de se contentar, porém, com ela, pois que «o fascismo não é um caso novo», e «para o combater não carecemos agora de arranjar os meios nem determinar as formas».

Felizmente, nós não pensamos assim e, para mal do fascismo, a maioria dos operários anarquistas também não pensará deste modo.

Toda a tática elementar de uma luta, seja essa luta qual for, consiste precisamente em DETERMINAR COM ACERTO as CARACTERÍSTICAS DO ADVERSÁRIO e em ARRANJAR OS MEIOS E DETERMINAR AS FORMAS da luta. Se isto não se faz, lutar-se-á às cegas. E lutar às cegas, é desempenhar o papel de touro, no meio da praça, com quem o toureiro brinca até acabar por o liquidar.

Esta é, afinal, a «tática» clássica do anarquismo: levar o proletariado a lutar às cegas e, portanto, de ferrota em ferrota.

Partindo de tal «definição» o orçãõ acrata procura «explicar» a vitória do fascismo e dá a seguinte «explicação»:

«O fascismo é uma realidade no mundo inteiro; se não se lhe resistiu, não foi por debilidade revolucionária das ideias anarquistas, mas PORQUE OS POVOS QUE O SOPREM ESTAVAM, ATE ENTÃO CONFORMADOS (assim mesmo: conformados!) AO SISTEMA CAPITALISTA E POLÍTICO QUE O ENGENDROU».

Lemos isto e pasmamos. A luta do fascismo pelo poder e uma longa estrada de cadáveres. Centenas de milhares de proletários têm lutado de armas na mão contra o fascismo. Milhões de proletários têm apoiado essas lutas em largos movimentos de massas. O sangue dos «inconfundíveis» activos que se contavam por dezenas de milhões tem jorrado abundantemente... E afinal para quê? Para que o «Libertário» nos viesse dizer que o fascismo venceu porque os povos estavam conformados com o sistema que o engendrou!

Quanto a nós, o fascismo venceu, não porque os povos a isso se «conformassem», mas precisamente porque a luta se conduziu às cegas; precisam-nos e porque não se procedeu a um justo «arranjo de meios» e a uma justa «determinação das formas» da luta. O fascismo venceu temporariamente porque o proletariado em primeiro lugar, se encontrava dividido; depois, e em segundo lugar, porque, em tais condições, não estava capaz de conduzir atrás de si, na luta anti-fascista, as massas camponesas e a pequena burguesia das cidades.

Isto é claro, como água, para quem observe os acontecimentos, com «olhos de ver».

Só o não vêem os chefes acratas.

E, porque o não vêem? Precisamente porque não carecem de arranjar os meios nem determinar as formas da luta anti-fascista; exactamente porque todo o seu «metodo» toda a sua tática de «luta anti-fascista» consiste em manter e acentuar a divisão do proletariado! Isto é, a sua impotência para a luta anti-fascista.

Eis o que a FARP considera «a forma ÚNICA da luta anti-fascista»:

«Os que querem combater o fascismo conservando aquilo que constitui o seu fim, o Estado, a única otencia social, ESSES TERÃO DE ABDICAR DO SEU ESTADISMO, qualquer que seja, ou a concorrer ao fascismo com qualquer outro fascismo».

Ora o proletariado encontra-se dividido em três tendências fundamentais, a saber:

**SOCIAL DEMOCRATA** que parte do princípio de que o estado é eternamente indispensável e que o socialismo se realizará por evocação natural e sem dóres no seio do próprio capitalismo

**COMUNISTA** que parte do princípio de que o Estado existirá enquanto existirem classes e que só morrerá com a liquidação das classes. Portanto opõe ao estado capitalista a ditadura do proletariado

que liquidará as classes, realizará o socialismo e creará assim as premissas do desaparecimento do Estado e da realização do comunismo

**ANARQUISTA** que considera que todo o mal parte do Estado e que é preciso liquidar «imediatamente» o Estado, embora se «veja e deseje» para nos explicar como conseguirá isso.

Não pretendemos aqui demonstrar a justesa da tese comunista. A Espanha demonstra o erro da tese anarquista. A Alemanha demonstra o erro da tese social demócrata e a União soviética prova a justesa da nossa tese. Este, porém, não é, agora o caso. Limitamo-nos a realizar a existencia destas tres tendencias e a sua posição em relação ao Estado. Em todo o caso, podemos assegurar, sem sombra de dúvida, que a tendência anarquista é exactamente a mais fraca.

É fora de dúvida, que a luta anti-fascista não pode ser levada à vitória se o proletariado de todas estas tendencias não luta unido. Também é claro que o operário anarquista, socialista e comunista, é evidentemente anti-fascista. Precisamente no anti-fascismo está um dos postulados comuns, capazes de levar à unidade.

Pois bem; os chefes anarquistas a tendencia exactamente mais débil do movimento operário, considerando que, quem quizer combater o fascismo, tem de «abdicar do seu estatismo», ou, por outras palavras: tem que se fazer previamente anarquista!

Não é isto desolador, camaradas operários anarquistas?

Não é isto acentuar as divisões na frente anti-fascista, e fazer, objectivamente, o jogo do próprio fascismo?

É evidente que sim.

Em proximo artigo recapitularemos a nossa posição frente ao fascismo, para que cada operário anarquista possa fazer o confronto com a desgraçada posição dos chefes da FARP.

# Lutemos por Thälmann!

O fascismo, última forma de subsistência dos governos burgueses em todos os países se reveste da mesma forma sangüinária. Se nuns se apresenta descaradamente perante as massas como uma forma de repressão assassina, noutros toma, mais subtilmente, a forma de ditaduras «políticas», escondendo assim sua face eriminosã

Hoje, quando as massas trabalhadoras, radicalizadas pelas consequências da crise económica do sistema capitalista, que veio tombar com todo o seu peso sobre os ombros dos trabalhadores de todos os países capitalistas, se levantam num largo movimento de ascensão revolucionária contra o capitalismo e os seus governos, encontram o Estado burguês coraçãdo pelo terror branco do fascismo, como forma derradeira e violenta para o capitalismo. O sangue desses defensores da causa operária, é vertido sobre os cadafalsos da Alemanha fascista e da China do Kuomintang, e na incomunicabilidade prolongada e nas prisões infames, pelo fascismo jesuítico italiano e português.

Nas prisões e nos campos de concentração da Alemanha de Hitler, estão muitos milhares dos mais deslembidos defensores do proletariado anti-fascista. Entre eles destaca-se o glorioso chefe do Partido Comunista Alemão, ERNEST THÄELMANN, que há dois longos anos se encontra preso sem que tenha sido julgado. Na prisão de Moabit onde se encontra, os seus guardas anunciam, cinicamente «que Thaelmann na prisão tem engordado muito...» e riem sinistramente, anunciando, assim, os seus instintos de feras prontas a praticarem mais um crime. Mas o proletariado de todos os países está vigilante. Este crime que o fascismo alemão premedita desde há muito não passará impune. Com Thaelmann estão hoje todos os anti-fascistas. Pela sua libertação lutam todos os proletários revolucionários e anti-fascistas. Por êle deverão lutar todos os anti-fascistas portugueses. Thaelmann é hoje o símbolo da luta anti-fascista; pela sua libertação lutam, em todo o mundo, grandes massas de anti-fascistas. Na Alemanha corre insistentemente a olírcia do seu próximo julgamento. Anuncia-se já para este mês, e alé se aponta como seu defensor um conhecido advogado nazista, que assim irá dar um ar de legalidade a mais este crime do fascismo.

Protestemos enérgicamente contra a prisão de Thaelmann junto do consulado alemão!

Enviemos milhares de protestos ao governo assassino de Hitler!

Façamos uma larga agitação, por inscrições e manifestações «relâmpago» contra a força que se prepara na Alemanha!

**A Republica dos Sovjets de deputados operários, soldados e camponeses é não só a forma mais elevada da instituição democratica, mas a única capaz de facilitar a transição menos dolorosa para o socialismo.**

Lenine

## UMA CANALHICE!

**ALFEITE** — A Junta Autónoma do Alfeite acaba de despedir das obras do novo arsenal nada menos do que alguns centos de operários entre os quais se conta n alguns operários com 17 e 20 anos de trabalho consecutivo, que agora foram privados do trabalho e do direito à vida, indo aumentar a grande falange dos desempregados.

É esta a política do Estado Corporativo de Salazar, e a sua aprovada protecção à classe trabalhadora. Num estabelecimento do Estado, os operários depois de uma vida de trabalho são lançados à rua sem a mais pequena indemnização. Se há ainda alguém que possa ter ilusões sobre o que é o Estado Novo, esta e muitas outras amostras, são bem elucidativas.

Do que acabamos de expor, u não só conclusão se deve tirar: é que o proletariado tem de lutar pelas suas reivindicações sob a bandeira do nosso Partido, e com êle lutar pelo derrubamento do Estado Novo e do capitalismo, e triunfo da revolução de Outubro portuguesa.

## PERSEGUIÇÕES POLICIAIS

**SINTRA** — A miseravel policia de Informações acaba de prender nesta vila um nosso camarada sob a acusação de fazer propaganda comunista. Esta atitude da policia miseravel da Rua Leva da Morte, destina-se sobretudo a acobardar os nossos camaradas, e a fazer com que deixem de lutar pela emancipação dos trabalhadores deste concheilo.

Nós desde já declaramos aos sebirros do Estado Novo que não notemorizam com a prisão de um ou mais camaradas. Nós sabemos que só pelo derrubamento do capitalismo opressor e dos seus governos fascistas, nos libertaremos da classe exploradora, e conquistaremos para nós e para nossa classe a liberdade que o fascismo nos rouba.

A cada prisão, responderemos nós com um redobramento de agitação e propaganda!

Trabalhadores de Sintra: Ingressai no PARTIDO COMUNISTA!

Tribuna Feminina

Continuado da 2ª página

ram. E sabeis, irmãs, porquê? Fizeram o mesmo aos nosos irmãos de trabalho. Tem-vos conservado na ignorância para não vos explorar a todo. Criaram leis para vos atar, e inventaram os deuses e a «cort. celeste», para vos consolar com a promessa de uma vida que não existe, das injustiças que exercem sobre vós na vida real.

Sabem bem o que valis; sentem que sois uma força formidável, mas inconsciente, porque a ignorais. Não vêdes o interesse que os nosos inimigos tem em nos conservar ignorantes?

Só a ignorância do Povo é que tem sustentado os tronos e as repúblicas burguesas. É a vossa ignorância que fac'is a exploração e o roubo. Não sabídes defender os vossos direitos, embora sintais a revolta a cachorr dentro de vós.

Há alguma coisa dentro de vós que grita: «meus filhos tem fome e andam nus, e eu trabalho de noite e dia. Os meus carrascos vigiam o meu trabalho, mas não trabalham; vivem do meu esforço e tem carros de luxo, palácios de inverno, vivendas de verão; gastam às mãos cheias, desperdiçam, e ainda acumulam riqueza! Eu faço os tecidos quentes e voluptuosos e os meus filhos teriam de frio e não tem conforto. Preparo as cons. rvas finas, os vinhos fortificantes, os alimentos concentrados, os tónicos, e os meus filhos ficam na rua, na escola do vício, a roer pão duro e negro, esqueléticos e fanfintos, pobres aspirantes da tuberculose»

«No meu lar não há corvão para nos aquecer, nem janelas por onde entre o ar e o sol; mas a electricidade enche a casa dos nosos algozes, aquece-lha, agita e arrefece o ar, ao belo-prazer deles.»

Teu pai, camarada, tem 60 ou 70 anos; trabalhou toda a vida honradamente, pelo pão de cada dia. Hoje as pernas trôpegas, enfraquecidas, já mal o seguram, mas tem que trabalhar e andar quilómetros e até leguas, a pé, para não morrer de fome.

Teu irmão, tu própria, camarada, mal vos acabaram de criar, tiveram que encetar a mesma vida de trabalho, para equilibrio da casa.

Eles os vossos exploradores, sobem e descem em ascensores, com empregados ricamente fardados, gastam dinheiro em corridas, viagens, apostas, jogos e devassidão.

O alcool é veneno; deffinha, queima o organismo, degenera a raça, avilta o homem. Já viste, camarada, um gesto deles para afastar o povo da ruína do seu corpo e evitar-lhe o embruteamento?

Não. Mais alcool no mercado, embora seja preciso queimar o pão, porque o Povo quer-se imbecilizado, para melhor o dominarem.

O ensino é para os filhos dos potentados? Puderá!

Não convém que vós tenhais olhos para ver.

Camaradãs! A luta contra a burguesia, contra o fascismo, contra a mentira religiosa, contra a exploração e o aviltamento de que somos vítimas, tem que se ativar. Vamos a ela!

Eles, cairão quando nós tiver-

Em defesa da Humanidade

O Congresso Internacional dos Escritores, para a defesa da Cultura

Por CERTO (Paris)

A imprensa burguesa, que relata minuciosamente as frivolidades históricas dos da «alta», e todos os crimes repugnantes, dos quais 99% são o proauro duma sociedade em decomposição nas vésperas do seu desaparecimento, não consagrou ao Congresso Internacional dos Escritores, realizado em Paris de 21 a 25 de Junho, senão o mínimo de atenção que lhe foi possível. No entanto, esse Congresso que reuniu 230 ESCRITORES DOS MAIS NOTÁVEIS DO MUNDO INTEIRO, REPRESENTANDO 38 PAÍSES, foi a manifestação intelectual de maior significação dos últimos tempos. Essa mesma actitude da «grande imprensa», confirmou a razão de ser do Congresso e é explicada pelas seguintes palavras do telegrama de Maxim Gorki, impedido por doença, de comparecer pessoalmente: «O fascismo proclamasse, com insolência cada vez maior, a negação de tudo o que existe sob o nome de cultura europeia. Mas, graças à iniciativa dos escritores franceses, os escritores honestos de todo o mundo interveem para defesa da cultura».

Que 3.000 pessoas tenham enchido todos os dias a sala da Mutualidade, prova o enorme interesse que este importantíssimo facto despertou em França. Para se avaliar a QUALIDADE do Congresso basta citar alguns congressistas: Heinrich Mann, Tomaz Mann, Leonard Franck, Aldous Huxley, Anna Seghers, Sinclair Lewis, Theodore Dreisser, John dos Passos, Michael Gold, Vallo Inelan, Anderson, Karin Michaelis, Forster, André Gide, Barbusse, Jean Richard Bloch, Malraux, e da falange soviética: Pasternak, Panféroff, Ilya Ehrenbourg, Tikhonoff, A. Tolstói, Koltzov, etc. Benard Shaw, também doente, enviou uma mensagem em que qualificava o país dos Soviets de «União das Repúblicas Sensatas».

Foi André Gide que abriu os trabalhos com estas palavras: «Que a cultura está ameaçada, prova-o tristemente, o empobrecimento intelectual de certos países». No seu admirável discurso, de que não é possível dar sequer uma pálida ideia, e que foi interrompido várias vezes por calorosas ovações, o grande escritor afirmou: «A cultura sob a redoma de vidro já fez o seu tempo; e se os nacionalistas as defendem, tanto melhor! Isso ajuda-me a ver claro e a compreender nitidamente que os verdadeiros defensores da cultura estão hoje no lado oposto, no outro lado da barricada... E' na sociedade comunista que o indivíduo, a particularidade

mos atingido a consciencia do que valemos como seres humanos e sociais».

Não nos deram instrução? Procurémo-la.

Não desperdicémos um momento. Organizemo-nos em volta do P.C.P.

Venceremos. Vêde os nosos camaradas da Rússia.

Mulheres proletárias: vós quereis, deserto, entrar na luta contra os nosos inimigos. Cerremos fileiras, avante!!

Rubina

de de cada indivíduo, se pode perfeitamente e inteiramente expandir. E o que é verdade para os indivíduos é verdade para os povos.» E tendo a alocação com que fechou o Congresso, exclamou: «A DEFESA DA UNIÃO SOVIÉTICA DEVE SER PARA NÓS O MAIS IMPORTANTE. A nossa confiança na União Soviética é a maior prova de amor que nós lhes podemos dar.»

Está claro que não podemos senão destacar uma ou outra frase de alguns discursos. O escritor inglês Forster declarou: «Conheço bem os limites da decantada liberdade inglesa; é um privilégio da cidadania inglesa, a que as raças submetidas não tem direito. E' limitada pela raça e pela classe; pois é só o privilégio das pessoas de dinheiro». De J. R. Bloch: «Entre os escritores soviéticos e a massa há esse fluido de que fala Hugo. Os escritores soviéticos podem dizer de si e do povo: nós amamo-nos e compreendemo-nos.»

No meio de aplausos estrepitosos, Anna Seghers diz: «Não há terra natal em si, como não há madeiras em si; a mesma árvore difere na terra do rico lavrador, no pequeno campo penhorado pelo fisco, ou ainda no kolkoze. Os «bens sagrados da Nação» consolam alguma coisa os que nada possuem. A «Sagrada Terra Natal» consolava de não terem um palmo de terra?».

Quando Heinrich Mann se aproxima do microfone para falar, a sala ergue-se em pezo e os aplausos prolongam-se por muitos minutos, tão calorosos e sinceros, que o antigo presidente da Academia Alemã domina a grande casto, e mal a comocção. Mas o momento mais patético, foi aquêl em que todas as portas se fecharam, se desligaram os microfones e no meio dum silêncio austero, a sala viu entrar, e ouviu de pé, um homem magro, macilento, a quem umas grandes lunetas escondem os olhos. Era o delegado alemão dos escritores anti-fascistas que trabalham na flegalidade e que vinha assegurar ao Congresso que, magrado os perigos enormes, a actividade deles não afrouxará nunca.

Do notável discurso de Barbusse: «Nós afirmamos, pelo que diz respeito ao homem nacional e ao homem em geral, que entre todos os homens existem semelhanças profundas e diferenças superficiais... A questão nacional é a que fornece os argumentos e pretextos mais fríantes aos princípios de regressão e de repressão. Todas as forças de opressão se apoiam temporalmente sobre uma doutrina abusiva e nefasta da ideia nacional e da cultura nacional. O nacionalismo, dogma de Estado nos cinco sextos do mundo, tem por fim combater a universalização das multidões que se debatem na miséria. A nação torna-se um fim supremo, um muro. Não é somente a nação contra as outras nações; é a nação contra o povo, é o militarismo com dupla face. E' esse um dos maiores atentados contra o pensamento.»

Malraux sobe à tribuna: «A burguesia procede contra a humanidade dividindo-a e isolando-a em na-

ções, classes, indivíduos. Mas Hugo quer restabelecer a comunidade dos homens agrupando-os, nas secções de assalto e criando entre eles uma solidariedade de bando de feras, unidos pelo ódio comum e pelo apetite de destruição.» E termina, opondo a essa, a sua comunidade que se instituiu entre os homens na União Soviética.

Guardémos proposadamente para o fim os escritores soviéticos.

Ilya Ehrenbourg é recebido e interrompido a meio por uma tempestade de aplausos. A sua voz de estentor enche a imensa sala: «Os nosos homens são, antes de tudo — homens, e, em seguida agrónomos, calceteiros ou químicos. A literatura não toca, precisamente, tal ou tal parcela da sua vida; mas todo o seu ser. Podem amar com força e paixão, mas são homens que amam, e não amantes profissionais. A sociedade burguesa estabeleceu uma hierarquia dos homens, dos objectos e das horas. Para ela há horas supremas e horas indignas. O homem dá-se um momento à paixão e o escritor lança-se avidamente sobre esse instante excepcional, esquecendo-se que ele só é importante e touchante, ligado a toda a vida do indivíduo. O romance burguês é a deformação do homem, a sua demontação sobre um só plano; castração em nome da sensualidade e simplificação em nome da simplificação.»

A. Tolstói faz uma análise muito objectiva da sociedade burguesa, da qual destacamos: «o fascismo que recorre a estratégia ultramoderna dos reis da indústria, não quer nada com o individualismo, com a personalidade. Os homens são, apenas formigas industriais acarelhando palhinhas para o formigueiro da raça, porque a raça a isso os predestina e o Estado os obriga...»

«... O fim da obra inteira da União Soviética é o homem, a sua liberdade, a sua felicidade; o homem que nós concebemos no seu desenvolvimento ilimitado. Os nosos dois primeiros períodos quinquenais começaram por estabelecer uma base material: a grossa metalurgia a indústria pesada. Mas isso não é senão o meio para se chegar ao fim supremo: a libertação da personalidade.»

Um trecho de Louppol: «A burguesia fascisante perdeu toda a ligação com a cultura dos heroicos burgueses dos séculos XVI, XVII e XVIII que combateram o feudalismo e a Igreja católica. A burguesia perdeu o direito de reivindicar a cultura legada pelo passado, mostrando-se indigna dela. Só a classe operária, criadora duma nova cultura, é a legítima herdeira do passado e os seus direitos são consagrados pela história.»

V. Ivanov, estabeleceu o contraste existente entre os escritores da antiga Rússia e os escritores soviéticos, e conclue nestes termos: «Os escritores soviéticos têm a máxima facilidade de darem livre-curso ao seu talento, do de desenvolverem, ao serviço da máscara verdade de que a humanidade tanto necessi-

Continua na 6ª página



## Aos produtores de trigo!

(Continuado da 1ª página)

rar as vossas já miseráveis condições de vida.

Preparai-vos desde já para a luta. Constituí, em todas as quintas, e grandes propriedades, os vossos comités de luta, à base desta palavra de ordem:

**Nem um centavo a menos nos salários!**

**Desempregados e esfo-  
mados:**

Há 300 milhões de quilos de trigo apodrecendo nos armazéns. Porquê? Porque toda a população do país está farta de pão? Não! De norte ao sul centenas de milhares de homens, mulheres e crianças, vivem na mais espantosa miséria. As mulheres prostituem-se por um pedaço de pão. Milhares de crianças rebuscam, nos caixotes do lixo, algo com que mitigar a fome. **Se todos os que têm fome comessem o pão que necessitam, não haveria um bago de trigo nos celeiros!**

Organizai-vos para a luta pelo pão que vos falta e que o salazarismo deixa apodrecer nos celeiros. Constituí os vossos comités de luta à base desta palavra de ordem:

**Um quilo de pão a cada pessoa de sua família, fornecido pelo C. do Desemprego!**

**Trabalhadores em geral consumidores de pão,** que não sois grandes financeiros, proprietários, ou industriais:

A criação de 3 tipos de pão é o restabelecimento de toda a fraude que já conhecemos por experiência própria, antes da existência do tipo único. Os grandes rodeios do decreto, são palavras. A dura realidade, é que os 300 milhões de quilos de trigo que apodreceram nos celeiros, vão servir para confeccionar o pão de 2.º e de 3.º

Se queremos continuar a consumir **PÃO VAMOS TER DE O**

**PAGAR POR MAIS 40 CENTAVOS EM QUILO!**

Organizemos, desde já, a resistência contra este ROUBO. Comités de luta em todas as freguesias, em todos os bairros, em todas as vilas e cidades do país, à base da seguinte palavra de ordem:

**TIPO ÚNICO DE PÃO A 1\$80!**

**PEQUENOS PRODUTORES DE TRIGO, ASSALARIADOS AGRICOLAS, DESEMPREGADOS E ESFOMEADOS, TRABALHADORES EM GERAL, CONSUMIDORES DE PÃO:**

O roubo que se nos pretende fazer a todos, deve unir-nos ombro a ombro na luta. Os nossos interesses são comuns. De um lado, todos nós, as massas laboriosas do país; do outro lado o salazarismo, os grandes moageiros, panificadores e lavradores.

Formemos uma ampla frente única contra os nossos exploradores!

Organizemos, comités de luta nas fábricas, nas empresas e em todos os cantos do país, onde há explorados, onde há vítimas da grande roubalheira do novo decreto sobre trigo, farinha e pão!

Organizemos já a luta. Amanhã pode ser tarde!

Desencadeemos um vasto protesto de massas por todo o país. Opunhamos a mais tenaz resistência, em todos os lados, contra a execução do novo decreto. Opunhamos-lhe as nossas reivindicações, que são as de todas as massas labo-

riosas de Portugal:

Nem um centavo de menos no preço dos trigos, aos pequenos produtores!

Nem um centavo de menos nos salários dos trabalhadores rurais!

Um quilo de pão a cada desempregado e por cada pessoa de sua família, fornecido gratuitamente, pelo Comissariado do Desemprego!

Contra os três tipos de pão; tipo único a 1\$80!

Os encargos da redução do preço de tipo único, unie montem a cargo dos grandes lavradores, da pacificação e da moagem!

Explorados, anarquistas, socialistas, comunistas, republicanos, nacionalistas, religiosos ateus, ou sem partido:

Não estão em causa, agora, as nossas concepções políticas, filosóficas ou religiosas: são as nossas condições de vida, é o pão que constitui a base da nossa alimentação, que pretendem encarecer; é a pequena propriedade agrícola que se pretende arruinar.

Todos, em ampla frente de luta, contra a roubalheira que se pretende levar a efeito!

**ABAIXO OS EXPLORADORES DO POVO!**

**VIVA A FRENTE ÚNICA DOS EXPLORADOS!**

Lx.º, Agosto de 1935.

O Secretariado do C.C. do P.C.P.  
(S. P. L. C.)

## Aos consumidores de pão!

## A luta contra a guerra

(Continuado da 1ª página)

«relampago» junto da embaixada de Itália, que foi apedrejada, tendo ficado muitos vidros das janelas quebrados enquanto numerosos camaradas soltavam gritos de protesto contra o imperialismo fascista e contra a guerra, e vivas à União Soviética. Depois de haverem distribuído muitas centenas de manifestos os nossos camaradas debandaram, de nada servindo as «corrierias» da polícia e dos carros de assalto. Durante a noite de esse dia Salazar para se «desculpar» perante o embaixador da manifestação feita pelos nossos camaradas, poz lá a toda uma esquadra de guarda, não faltando sequer um chefe...

Por vários outros pontos da cidade fez-se uma larga difusão de manifestos, tanto do Partido como da Federação das Juventudes, e foi colocada uma bandeira vermelha na Alfândega, que ali esteve até às 9 horas da manhã, tendo sido retirada por um miserável serventário do «Estado-Novo», um tal Sr. Adelino Mendes que, para ser agradável aos seus superiores, se apressou a subir ao alto do guindaste onde estava içada, e a retirar-la.

Em alguns pontos da província, também se fez uma larga distribuição dos manifestos do Partido.

O caminho que os nossos camaradas traçaram no 1.º de Agosto, levando ao conhecimento das massas, a nossa luta contra a guerra imperialista e pela defesa da União Soviética, é o mesmo caminho que estas terão de tomar se quiserem evitar a guerra e derrotar o capitalismo que as explora e rouba.

Lutai sob a bandeira do Partido e da I.C. contra a guerra e pela defesa da União Soviética!

Contra a política de guerra do Governo de Salazar!

Contra as despesas de guerra!

Contra o fascismo!

## Retificando

A deficiente revisão do nosso jornal deixou que no numero passado saíssem algumas gralhas.

No artigo FRENTE ÀS LUTAS ECONOMICAS! lemos a certa altura: «Aqui e ali as nossas palavras de ordem de agitação e de luta». É claro que isto não faz sentido. Na realidade, o que nós queríamos dizer era: «Aqui e ali AS MASSAS SEGUEM as nossas palavras de ordem, etc»

No artigo «Contra o TERRORISMO e o liquidacionismo», a palavra TERRORISMO introduziu-se aqui como contrabando. O que tínhamos escrito era «Contra o BERTOLISMO e o liquidacionismo».

No «fundo» da página «Construção do Partido» encontramos o seguinte trecho: «Em primeiro lugar estes próprios desvios da direita, que tendem a alastrar as condições objectivas quando a tarefa central do Partido consiste, precisamente, no contrario».

Vê-se também que a coisa não faz sentido. O que nós tínhamos escrito era: «Em primeiro lugar estes próprios desvios de direita que tendem a AJUSTAR AS CONDIÇÕES OBJECTIVAS, quando a tarefa central do Partido consiste, precisamente, no contrario».

## Das reivindicações parciais

(Continuado da 2ª página)

reivindicações gerais do nosso proletariado. Necessário se torna pois que de futuro, todos os nossos camaradas estudem atentamente, todos os incidentes que surgem dentro das fábricas onde trabalham, e vejam as possibilidades de luta que lhes oferecem para o nosso Partido. É preciso não esquecermos que muitas vezes, é de bem pequenos factos que surgem os grandes efeitos. Um pequeno incidente dentro de uma fábrica pode levar o perarado dela a uma série de manifestações dentro da mesma fábrica, desde que os nossos camaradas saibam conduzir as lutas, partindo das formas mais elementares para as mais complexas.

Isto que aqui acabamos de relatar significa para as nossas células de empresa e de fábrica, que é necessária uma grande atenção de todos os seus militantes para o que se passa dentro das suas empresas para que todo e qualquer movimento que se esboça entre o operariado da empresa, seja devidamente conduzido pelo nosso Partido. O nosso Partido torna-se tanto mais forte, quanto mais treinados estiverem os seus militantes nas lutas cotidianas.

**O Partido não é somente a vanguarda da classe operaria. Se quer realmente dirigir a luta desta ultima, tem de ser tambem a sua parte organizada.**

Staline

## Em defesa da humanidade

(Continuado da 5ª página)

tao. E o poeta soviético Tikhonoff depois de trazar o quadro da poesia soviética demonstra como ao optimismo, ao amor humano, à compreensão profunda da vida, desses poetas, o fascismo não tem para opôr senão o ufanismo de ego. Já o inglês Huxley tinha demonstrado o grande desrespeito professado pelo pensamento e pela cultura em todos os países fascistas. Guilherme Ferrero, o grande e histórico italiano, diz: «A União Soviética é o baluarte da cultura. Defender a União Soviética é um dever de todo o homem que é honesto e que pensa».

Quanto ao delegado português, Jaime Cortezão, não só a cultura da sua mensagem foi coberta de ataques, mas foi também alvo de uma e ferosa manifestação de simpatia pela sua situação de perseguido e

dirigida igualmente aos anti-fascistas portugueses, no banquete que teve lugar após o Congresso.

Por decisão do Congresso, constituiu-se a «Associação Internacional dos Escritores para a defesa da Cultura». «pronta a lutar no seu próprio terreno, que é a cultura, contra a guerra, o fascismo, e duma maneira geral, contra todas as ameaças que possam afectar a civilização». A sua sede é em Paris. Terá a sua frente um presidium de doze membros que são: Gide, Barbusse, Romain Rolland, Heinrich Mann, Maximo Gorki, Forster, Huxley, Bernard Shaw, Sinclair Lewis, Selma Langerlof e Valle Inclan. Em todos os outros 38 países serão formados Secretariados nacionais, cuja união formará o Secretariado da Associação Internacional dos Escritores.